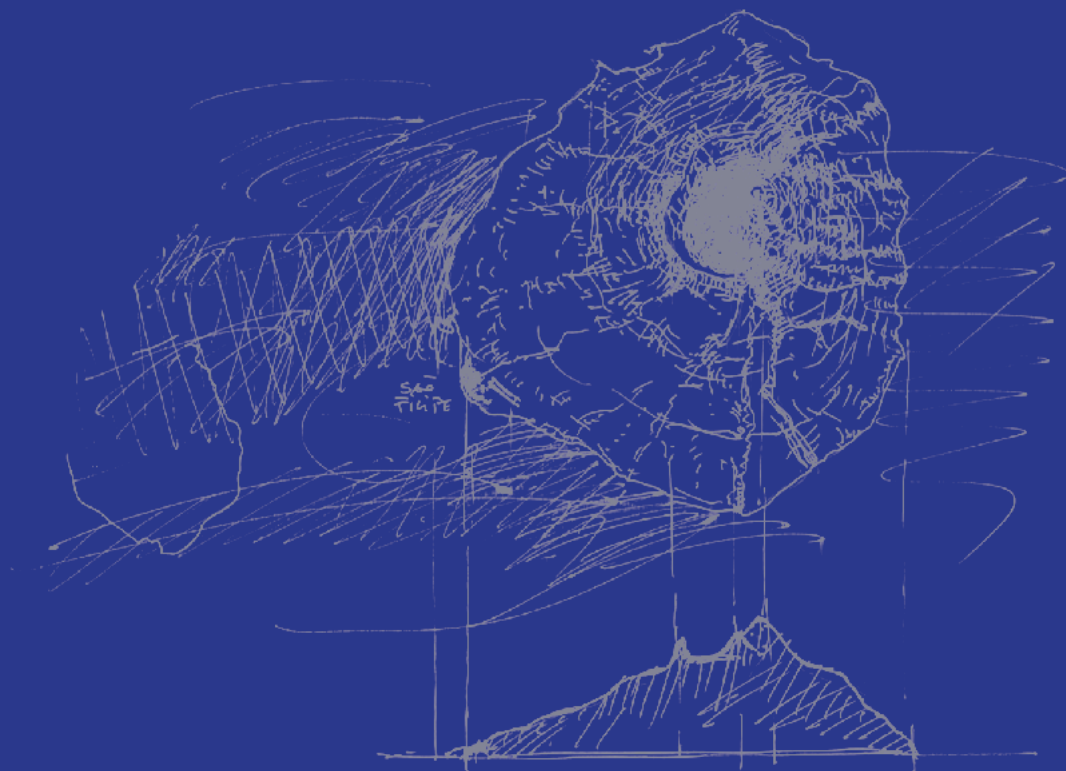




## DESENHAR SÃO FILIPE

Leão Lopes,  
Mário Bismarck,  
Sílvia Simões

i2ADS edições

# DESENHAR SÃO FILIPE

Leão Lopes,  
Mário Bismarck,  
Sílvia Simões

i2ADS edições

SANTO ANTÃO

SÃO VICENTE

S. LUIZ

SÃO NICOLAU

SAL

BOA VISTA

BRAGA

FOGO

PAIO

SANTIAGO

Desenhar São Filipe  
Desenhos, fotografias  
e testemunhos

Organização  
Leão Lopes, Mário Bismarck,  
Sílvia Simões

Desenhos  
João Abel Mota, Inês Vales, Leão Lopes,  
Mário Bismarck, Sílvia Simões

Textos  
Ana Cordeiro, Inês Vales, João Abel  
Mota, José Carlos de Paiva, Leão Lopes,  
Mário Bismarck, Sílvia Simões

Fotografias  
Inês Vales, João Abel Mota,  
Leão Lopes, Sílvia Simões

Edição  
i2ADS – Instituto de Investigação  
em Arte, Design e Sociedade  
Faculdade de Belas Artes  
da Universidade do Porto  
Av. Rodrigues de Freitas, 265  
4049-021 Porto  
i2ads@fba.up.pt  
i2ads.up.pt

2022

Este trabalho é financiado por  
fundos nacionais através da FCT  
– Fundação para a Ciência  
e a Tecnologia, I.P., no âmbito  
do projeto UIDP/04395/2020.

Design  
Joana Lourencinho Carneiro

ISBN  
978-989-9049-35-2

Desenhos, fotografias e testemunhos



DESENHAR MISTÉRIOS

Ana Cordeiro

9

RITMOS DE SÃO FILIPE

João Abel Mota

32

DESENHAR O CORRER DO TEMPO

Inês Vales

46

VER S. FILIPE COM UM “LÁPIS” NA MÃO

Mário Bismarck

i2ADS/FBAUP

86

DESENHAR, VER E SENTIR

Sílvia Simões

i2ADS/FBAUP

92

O DESASSOSSEGO DO MAR

José Carlos de Paiva

i2ADS/FBAUP

117

DESENHAR SÃO FILIPE

Leão Lopes

119

Ana Cordeiro



Mário Bismarck

Quando nos aproximamos da ilha do Fogo a simplicidade da sua forma – a lembrar os vulcões que desenhávamos na infância, perfeitos cones com penachos de fumo a sair do vértice – contrasta com as complexidades e mistérios que vamos descobrindo no seu interior. O contraste entre a aridez de algumas zonas e a exuberância da vegetação em outras, entre a areia negra e o azul forte e profundo do mar, entre um passado de grandezas aristocráticas onde se contavam pelos dedos das mãos os senhores da ilha, e um presente que, embora mais democrático, continua desigual. De igual forma nos fascinam os mistérios das suas grutas e do imenso areal de Fonte Bila que em determinados meses do ano desaparece para felizmente reaparecer pouco tempo depois e que, em noites de lua cheia, quando molhado pelo mar, se torna cor de prata.

Quantas histórias não se criaram à volta da campa de D<sup>a</sup> Leonarda Júlia Barbosa Monteiro que pela ascendência e casamento fazia parte das mais importantes, senão a mais importante família da ilha! Pela inscrição, na lápide, sabemos que nasceu em 1825 e faleceu em 1893 e que o tú-

mulo foi mandado fazer por sua filha D<sup>a</sup> Amélia do Sacramento Monteiro. Mas por que motivo está fora dos muros do cemitério esta única campa? E por que motivo só esta filha, dos nove que teve, lhe prestou a última homenagem?

Também não podemos também deixar de nos surpreender com o invulgar destino do jovem alemão Albert Ernest Koenig que deixou umas exóticas e românticas pinturas no sobrado do Dr. Álvaro Henriques: moinhos holandeses e naturezas mortas na sala de jantar e duas figuras de criança nas portadas de madeira das janelas de um quarto. Consta que chegou à ilha, atormentado, por acreditar ter acidentalmente matado um irmão com uma arma de fogo ou talvez por motivações políticas como também já ouvi referir. A verdade é que, quando o barco que o transportava seguiu viagem, ele ficou no Fogo. Por amor. Casou, mas ficou por esclarecer o motivo por que, dois filhos depois, deixou a sua amada na ilha, foi para os Estados Unidos e nunca mais voltou?

Dos velhos sobrados há muito desapareceu a grandeza aristocrática e as asfixiantes intolerâncias de outrora, tal como as baixelas de prata,

as alvas toalhas rendadas, e as colchas bordadas que, juntamente com o café, faziam parte do rol de produtos enviados a representar o arquipélago nas grandes feiras internacionais do séc. XIX. Desses tempos sobrevivem alguns objetos e memórias à guarda de Monique Widmer e Gilda Barbosa na Casa da Memória e os preciosos conhecimentos sobre a história da ilha que Fausto do Rosário preserva e generosamente partilha. Hoje, com os velhos sobrados transformados em pequenos hotéis, são as grandes e modernas vivendas mandadas construir pelos emigrantes americanos que se impõem à pacata paisagem rural do interior da ilha e nos surpreendem com novas histórias de sucesso e dinheiro ganho além-mar.

A cidade de S. Filipe continua a viver entre a agitação das manhãs e a pacatez adormecida das tardes. Entre o movimento incessante de pessoas, de carros cheios de música, buzinas e gritos de chamamento, de compra e venda de produtos e a modorra vespertina. Depois das três da tarde as ruas coloridas pelas frutas, pelos tecidos africanos e pelos chapéus-de-chuva-e-sol, deixam de resistir à luz e calor inclementes e, de repente, esvaziam-se. Fecham-se portas e janelas e os habitantes refugiam-se nas varandas interiores das suas casas de sobrado ou nos quintais das casas térreas, surpreendentemente frescos e floridos com buganvílias e rubros cardeais.

Os quintais, coração da casa, guardam um mundo que normalmente se esconde dos olhares públicos, a cozinha, a pequena arrecadação onde se guardam alimentos e bidons chegados da América, a casa de banho, a capoeira, enfim, um espaço de desalinhada intimidade. Ouve-se o som do pilão, sente-se o cheiro do café a torrar, cumprem-se os afazeres domésticos à sombra

do tamarineiro. Aberta às visitas, fica a sala de entrada, imaculadamente limpa e arrumada. Nas paredes não faltam uma espécie de tapetes, a imitar veludo, com a imagem dos irmãos Kennedy ou de uns veados em ambiente florestal e algumas fotografias de família a preto e branco. Em cima de mesinha, colocada frente ao sofá, uma jarra com flores de plástico e fotografias coloridas de um casamento americano onde o casal de noivos quase desaparece no meio de duas alas de damas e cavalheiros de honor com vestidos e casacas de cores garridas ou de um jovem que orgulhosamente veste o uniforme da cerimónia de graduação.

Um interior pacato que surpreende se nos lembrarmos dos episódios de orgulhosa altivez dos fogueses quando confrontados com imposições externas ou domésticas ofensas à sua orgulhosa dignidade e modo de vida. Não é por acaso que durante anos e anos se dizia que a ilha do Fogo nunca se tinha submetido ao poder dos Filipes e, embora tal não seja correto, a verdade é que alguma insubmissão houve, mas não terá durado muito tempo porque logo em 15 de novembro de 1583 Filipe II de Espanha e I de Portugal assinou uma Carta de Perdão aos Habitantes do Fogo. O quintal é o espaço onde se contam partes – não sei se a palavra se refere a episódios, pedaços, apartes, ou tudo isso junto – deliciosas histórias, pequenos episódios do quotidiano, frases que ninguém quer esquecer, pequenas peças que nos permitem ir desenhando os mistérios da ilha e dos seus habitantes.















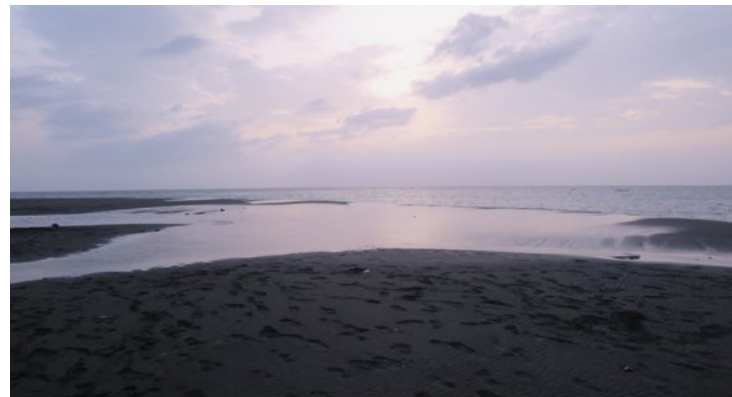






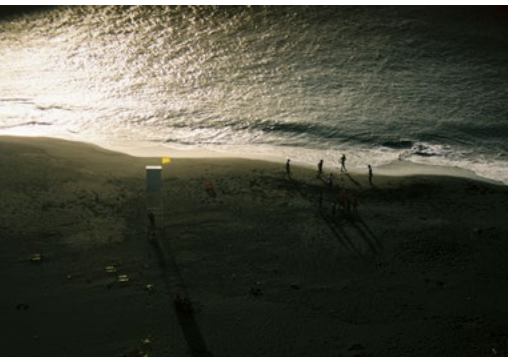


Sílvia Simões





João Abel Mota



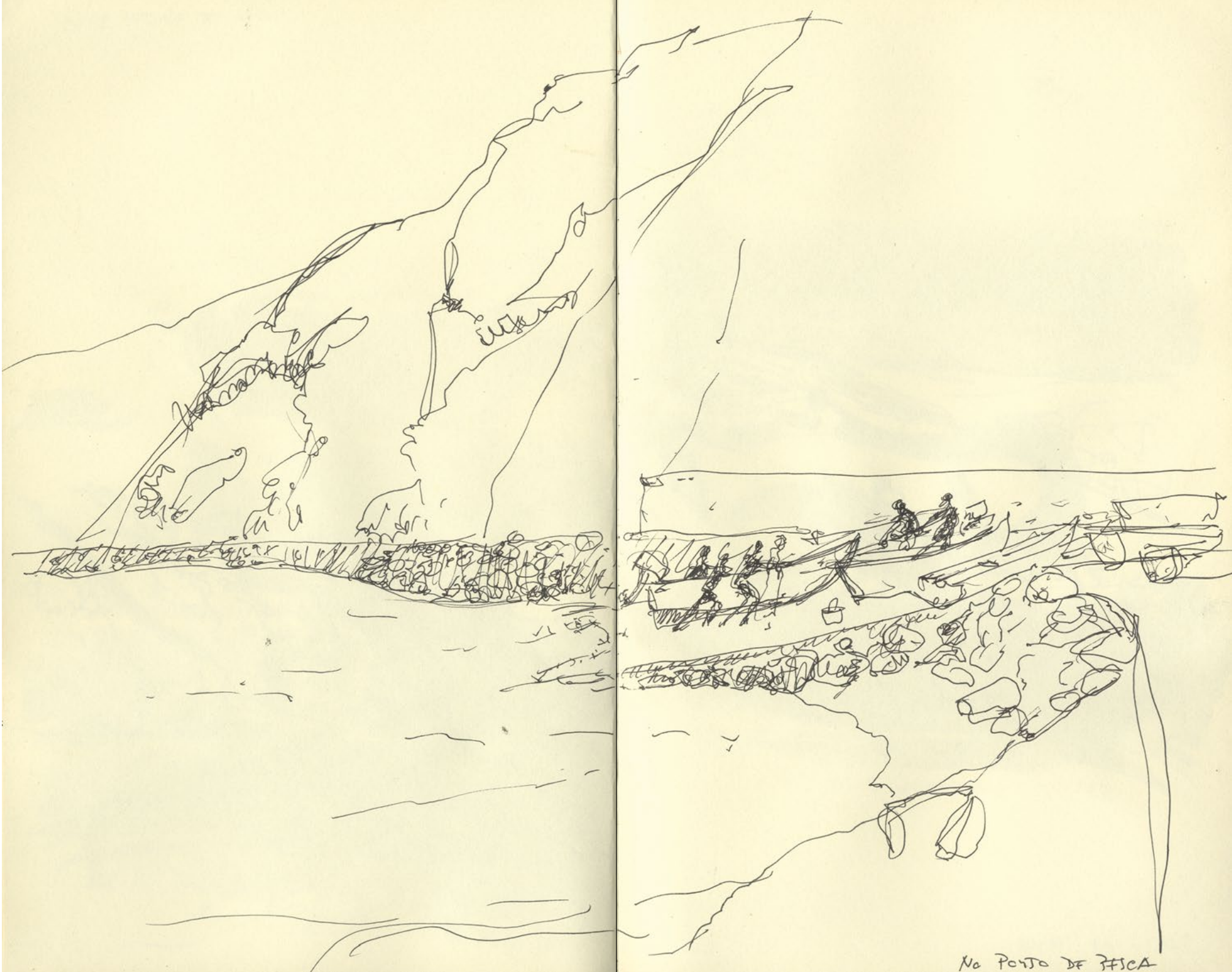
João Abel Mota



Mário Bismarck







No Porto de Pesca





Sílvia Simões



Mário Bismarck



Sílvia Simões









I

É a segunda vez que cá estou. A primeira foi em Chã. Comporto-me como se soubesse como é estar aqui. Uma ilusão comum para quem acha que se vê tudo de uma só vez.

Apercebi-me disso quando não reconheci o caminho para São Filipe. Para Chã já nem eram os mesmos – fizeram uns novos. O pó, que agora o vento leva à minha cara, aqui, na parte de trás da carrinha, atrapalha-me como da primeira vez que cá vim. Os que de cá me lembro, parece-me que nem o tempo lhes tocou, só à minha memória, que começou a duvidar dos seus nomes. Recordo o Lucas e o William que já não estão aqui, nesta ilha; o Ramiro, a Zenita que estão na Portela; o Leão, que está em todo lado e por isso, como deus, a gente não se esquece dele, e sempre que aparece há festa! Mas dos outros não. Memórias que ficaram apenas para os desenhos. Havia um senhor que sabia três línguas, tinha muitos filhos e oitenta e quatro anos. Um outro, Montrond de lenço vermelho à cabeça, de quem guardo boas memórias, mas não o primeiro nome. E os olhos que achavam que já conheciam isto.

II

É o primeiro dia. A hora do calor esvaziou as praças e as ruas. O mercado, um edifício aberto e azul, fica quase vazio, com apenas algumas pessoas a quem o trabalho diário já mecanizou o ato da limpeza das bancas do peixe. A água que daí surge segue estrada abaixo, ao ritmo das pessoas que moram junto à falé- sia e que vão agora para casa. O atum e os outros peixes guardam-se em cestos, e os que vêm de longe regressam com os donos, nos hiaces da praça que acabam por sair, umas atrás das outras, para largarem os

clientes pelas encostas da ilha. Amanhã estarão cá, no mesmo bulício e cor. Os que daqui são juntam-se agora debaixo das sombras em conversas. Por baixo das cadeiras em que se sentam, e que continuarão fora da porta para o dia seguinte, desce ininterruptamente a água da lavagem do mercado.

Parece escoada de lava que, no pico da ilha, há quase cinco anos e segundo as mesmas leis acabariam, como esta, no mar. Na praia de Fonte Bila. Negra e infinita como Chã. Talvez por isso eu me encontro aqui. A meio do seu areal ergue-se uma torre metálica, pintada de um branco insistentemente pintado. Penduram-se lá os chinelos e as camisolas dos que vão ao mar e sabem de quem é cada pertence.

Os mais novos misturavam-se com a água que rebenta na areia negra. É tentador poder ter a mesma relação de intimida- de com o mar. Quando molhados, o vento levanta a areia negra que os veste da mesma cor. Depois vai caindo à medida que sobem a falésia por onde desce o cheiro a pão da Maria Augusta. Juntam-se aqui todos, todos os dias ao pôr do sol. Que é quando está mais fresco.

Daqui de cima não se sabe do firmamento. Do escuro que camufla terra e água, apenas se notam uns luzeiros que mesmo assim nem se sabe se serão estrelas, barcos ou as casas da Ilha Brava.

III

Acompanhei a Camila ao mercado e lá fiquei. As carrinhas voltavam a juntar-se, vindo no sentido inverso ao de ontem para alijar a carga e as pessoas. O bulício cresce. Montam-se as últimas bancas e, para quem já não tem espaço dentro do edifício do mercado, acomoda-se aqui fora, por debaixo dos alpendres dos antigos sobrados, ou à entrada das outras casas acostumadas, desde cedo, a estas partilhas.



João Abel Mota

Leão Lopes





Dentro do mercado vejo a mãe do Joãozinho, com uma das bancas da fruta. Logo à esquerda, seguindo o forte odor a mar, subindo as escadas frente à porta dou logo com as bancas da carne e do peixe.

A primeira vez que vi Santinha, estava ao lado da Ana, que dormia, em cima da banca da carne. Mulher alta e de cabelo já grisalho, de braços grossos e hirtos que desaguavam na faca, e a seguir na carne. Apercebi-me que estava na sua hora do café. Eu que já a desenhava há algum tempo, vi-me tímido assim que ela se sentou à minha frente e depois de ter perguntado se queria café, encheu-me um copo para acompanhar o retrato.

(O desenho antecede sempre a primeira palavra: o meu primeiro ato de relacionamento com o outro. Mesmo os que olham com curiosidade ou desconfiança sentem que lhe está a ser dirigido alguma coisa, boa, e esperam que seja, através de meu olhar que tantas vezes é obsessivo. Até agora creio que não tenho assustado tanto as pessoas.)

Depois de Santinha, vieram os outros que, antes da sua vez, colocavam o amigo ao lado na expectativa de saber como lhe seria tirada a “fotografia”. O desenho é um ato de relacionamento pelos vistos. Quem desenho, guardo; quem cumprimento também desenho.

O dia acaba, cheira ao pão da Maria Augusta e volta a água a escorrer S. Filipe abaixo, ou pelo menos é assim que imagino.

IV

A visita ao interior de S. Filipe, não sei bem em que dia ocorreu. Sei apenas que possui o verde mais intenso que alguma vez vi. Galinheiros chamava-se. Ponta Verde e Salinas também. Não nos é dado tudo de uma só vez. Cada curva contornada abria um novo enquadramento e por isso uma constante novidade. As calabaceiras surgiam

majestosamente entre outras árvores que mesmo de grande porte se tornavam rasteiras. Ainda hoje sinto um carinho especial pelas primeiras. Os socalcos construídos pela mão humana, que separam o verde em tiras longas e curvas que se estendem como cobras pela encosta vulcânica, dialogavam em harmonia com os braços, também eles longos, da lava já pedra e já castanha da idade, que muravam muitas vezes os campos e as estradas em taludes. Em Salinas, porto e habitáculo perfeito para pequenas embarcações de pesca, desenhar e resistir ao apelo do mar foi desafio constante.

V

Maria Lopes, senhora de 104 anos, mãe de oito filhos, avó de quase oito vezes mais, bisavó de outros tantos e tetravó de seis, viveu sempre aqui, na Ilha do Fogo, em Patim. Joga às cartas com o resto das gerações e mora numa casa que até ao metro e meio do chão tresmalha manchas pretas sobre fundo branco, como uma moreia, e depois começa com um verde garrafa até ao telhado laranja.

Creio que existe uma relação qualquer entre o espírito desta gente e a cor das casas.

E para isto encontro dois motivos: ou todo o resto do mundo gasta quase todo o branco e todas as demais mais correntes, sobrando para aqui os verdes, amarelos, roxos, vermelhos e azuis puros, ou então, por decisão própria e por qualquer espírito festivo ou simbólico de viver, estas pessoas são levadas a combinar toda uma paleta cromática que rivaliza e complementa a do vizinho. Independentemente do motivo, sinto essa relação. Quase como se tratasse de uma alegre homenagem ao sentido de casa, de família ou apenas ao ato de habitar. Pela festiva cor das paredes.

VI

Na realidade, não sei se a água do mercado se juntou à do mar. Vi-a passar ao lado do coreto junto à Câmara Municipal. Ou essa talvez viesse de outro sítio. De qualquer forma, a que aí passava regava as árvores jovens, envoltas por muralhas do que há mais à mão, para as protegerem dos animais e pessoas mais descuidadas.

Vi um cão a beber dessa água. Se não chegou ao mar, foi, ao menos, bem ser-vida.

A carrinha onde me encontro passou por cima dela, pela estrada que sabia que ia dar ao aeroporto. Era o fim daquele dia. Tinha acabado de desenhar S. Filipe. Ou então de começar a desenhar a cidade de que agora estava a despedir-me. Por isso não soube o que aconteceu à água, mas de qualquer maneira, ficou bem entregue.

Sei que havia muita gente à sombra.

João Abel Mota

Leão Lopes











Leão Lopes





Leão Lopes



Mário Bismarck



Sílvia Simões





Sílvia Simões



Mário Bismarck









DESENHAR O CORRER DO TEMPO

O tempo é como a areia – já o preconizava Jorge Luis Borges e escreveu múltiplas vezes Baltazar Lopes em diálogos recorrentes entre entes queridos:

“Há tempo como areia que não o vejo.”

E porque regressando de Cabo Verde me confrontei novamente com a passagem alienante do tempo, começo por me perguntar o que fazia com que este corresse com uma placidez tão desenhável em S. Filipe. Será porque o diâmetro dos relógios é lá maior e uma ponta de lápis que seguisse o movimento circular dos ponteiros demoraria mais a dar uma volta completa às horas? Serão as sombras que se sentem intimidadas perante o nosso olhar atento e conservam a sua pose mais tempo, quando aqui envolvem prédios e estradas sem fazer caso de quem desenha?

O desenho incorpora sempre um tempo. O tempo do gesto, o tempo do olhar, o tempo da decisão, o tempo da observação do desenhado, e o cabecear sincopado do “observar-desenhar-observar-desenhar” característico daquele que segura um lápis para conhecer um lugar de modo mais profundo. Desenhar será assim ver duas, três, quatro... vezes.

Começar por deambular pela cidade de S. Filipe reconhecendo aqui e além praças, rotinas, símbolos e heranças, só começou a coser-se na linha desenhada sobre a folha. Só aí os lugares partilharam da sincronia do olhar com a mão que desenha e da cidade que se se desdobra em redor, não alterando o seu ritmo, mas tirando o chapéu docemente a quem se propôs captar-lhe a essência.

O ruído branco do tempo, aquém de metronómico, varia também de lugar para lugar. Como a areia, novamente: aqui branca, em S. Filipe cor de “betume”, espelho da noite igualmente densa que o Chiquinho comtemplava deitado de barriga para

o ar “namorando o céu carregado de estrelas.” O tempo mede-se em ruído de mar, sombras que crescem e um cair do Sol fugaz, típico dos lugares próximos da linha do Equador (essa outra linha figuradamente desenhada).

O desenho surge também como uma outra linguagem, porque parece vão tentar encarrear numa fiada de letras palavras que são escassas para descrever este tempo suspenso, sinónimo de paz e partilha – de silêncio ou, pelo menos, das pausas que pontuam uma boa conversa.

Assim, mais do que descrever, o desenho vai procurar acertar o seu passo com o tempo do movimento das pessoas no mercado, o tempo suspenso dos artefactos da casa da memória, o tempo milenar das Calabaceiras (que convocam o tempo fantasioso do Príncipezinho de Saint-Exupéry), a conversa amena e ininterrupta do mercado, dos trabalhadores e o crescer das sombras que vão corporizando o declinar do dia.

Assim em S. Filipe o tempo é medido em cores: “O betume da noite”, o azul da Prússia, as sombras quentes, o colorido dos ladrilhos, as Baganvilias, o puzzle das habitações – azul, laranja, amarelo, roxo – todas viradas para o azul do mar. O verde na periferia da ilha, a translucidez das salinas, face à rocha vulcânica.

Depois o tempo é desenhado por quem passa: as pegadas na areia preta, a mesma areia teimosa, pintando-se na sola dos pés. A figura vertical de um homem face à linha da rebentação das ondas, a mulher que passeia protegida da ronda do sol pelo seu guarda-chuva, e as quatro figuras munidas de papel e lápis cuja ponta traça a linha a princípio intrusa, mas que se familiariza através de uma permanente renovação da curiosidade – desejo insaciável daquele que procura, mesmo que dizer daquele que desenha.

Porto, Abril de 2022  
Inês Vales



Inês Vales









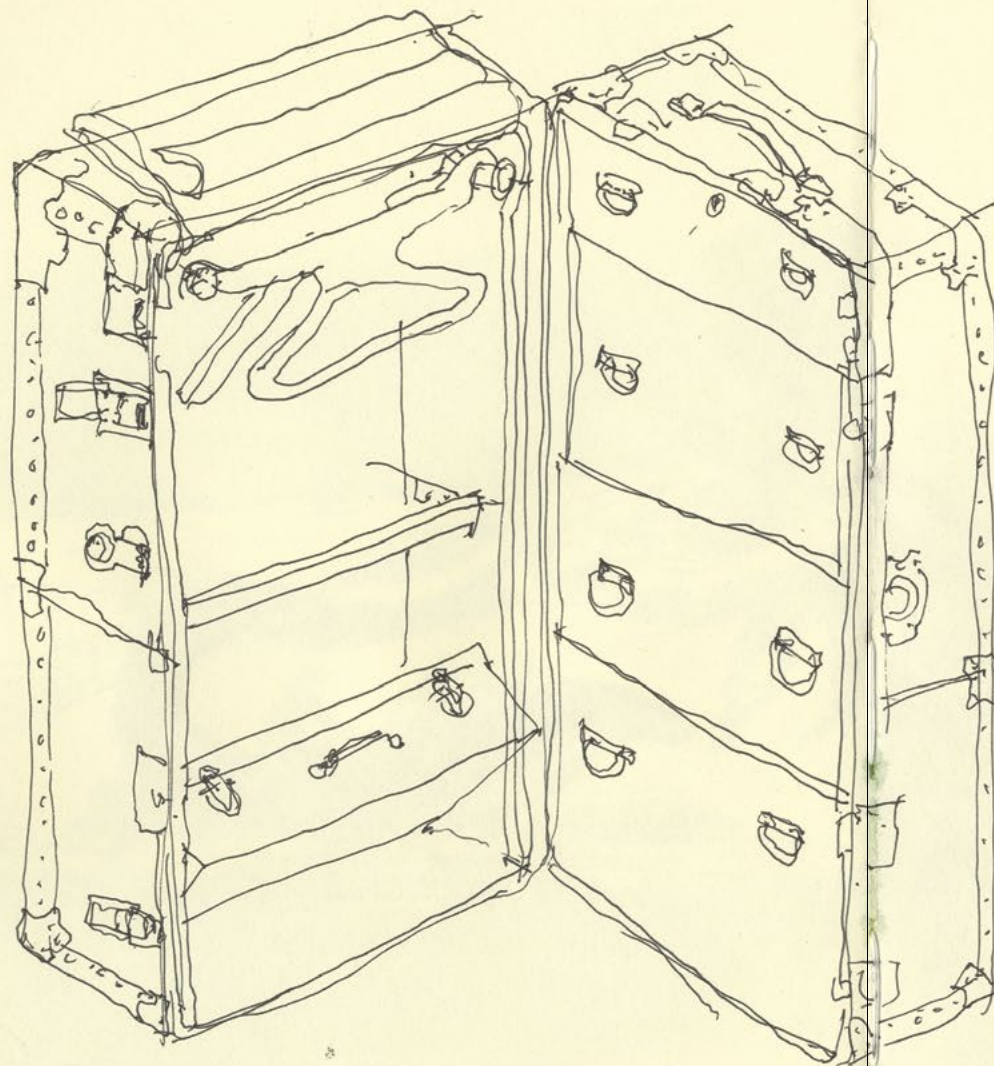










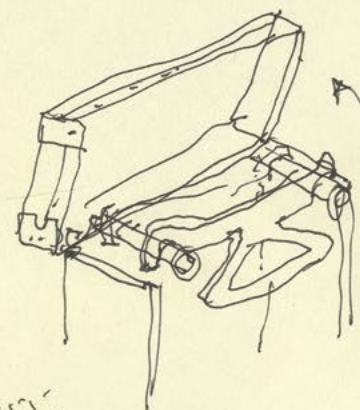


CASA DA MEMÓRIA 6-9-2021

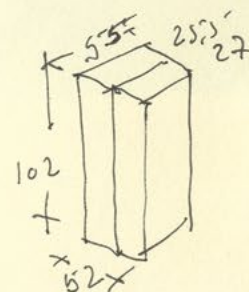
"MALA SAKVEDO"

MALA DOADA EM 1920, PELO  
JOÃO FRIGOSUS NOS ESTADOS  
UNIDOS, NIKANO JOSÉ BALZOSA  
(NÃO CACA).

O NOME CHUVA "MALA SAKVEDO"  
(MALA DE PE) RELACIONA-SE COM  
A POLÍCIA DA MALA NAS VIAGENS  
DOS VELHOS, QUE DURAM EM  
MÊS OU MAIS!



ESQUEMA DE ABERTURA SUPERIOR!







5.9.2021 - A igreja vista da "CASA BRINHA MAN"









Leão Lopes



Sílvia Simões



Mário Bismarck

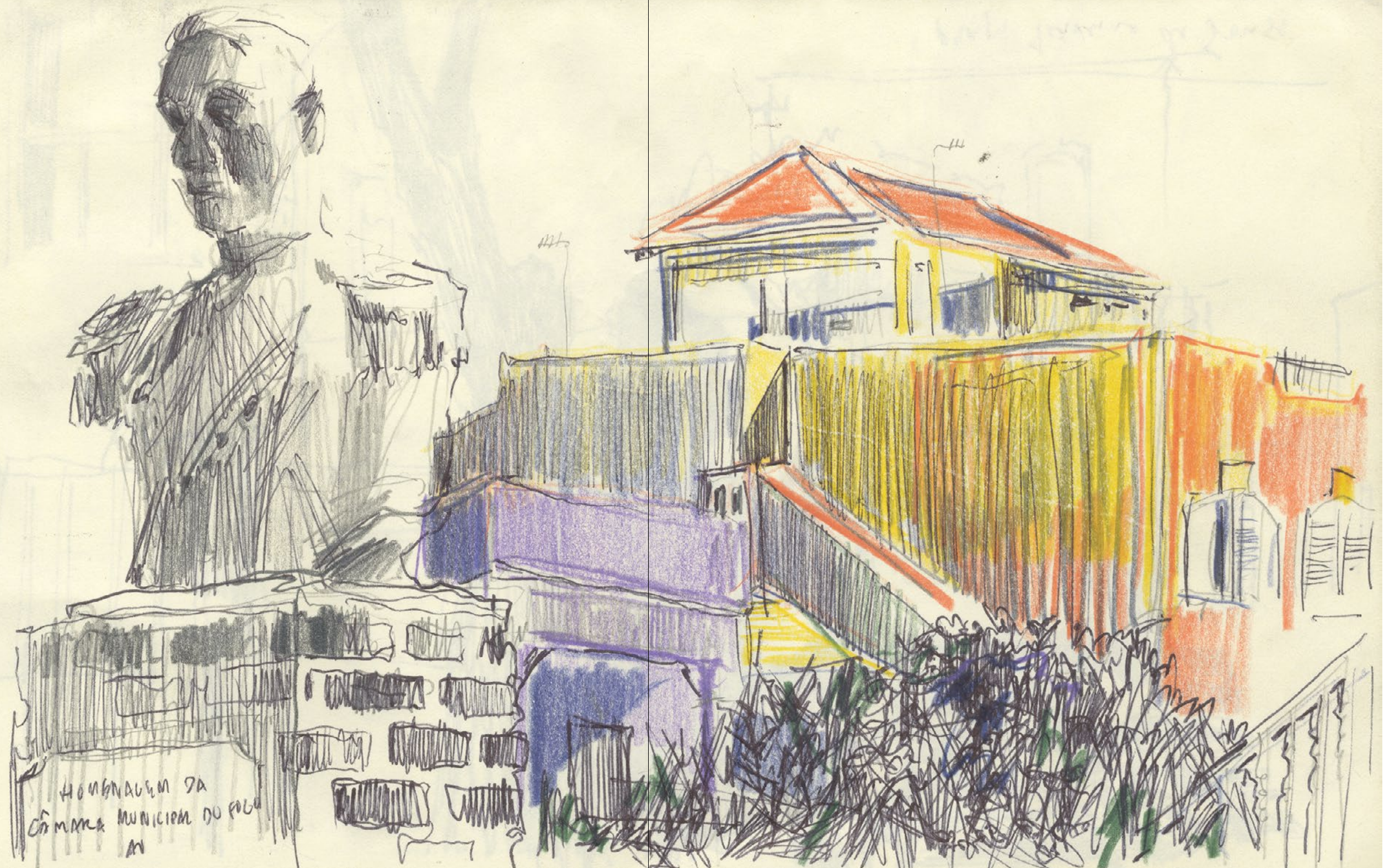






7 RAÇA DA INDEPENDENCIA 6.7





HOMENAGEM DA  
CÂMARA MUNICIPAL DO POLO  
AN



João Abel Mota



Mário Bismarck



TERREIRO DE S. FILIPE: BAUCA













João Abel Mota







S. F. L. P. o "NACAO" FORA DO NACAO

6-9-71







Sílvia Simões



Mário Bismarck



VERDADE A PORTA DO DEICADO

MINAS GERAIS - PRACA DA INDEPENDENCIA

10.9











VER S. FILIPE COM UM “LÁPIS” NA MÃO.

Sim, porque, como dizia o escritor (e também desenhador) francês Paul Valery (1871-1945), é diferente ver qualquer coisa ou vê-la “com o lápis na mão”, isto é, desenhando.

Sim, porque para desenhar é necessário, não só olhar, mas ver, ver intensamente, ver o grande e o pequeno, o geral e o pormenor, ver tudo porque se sabe que não se desenha tudo, ver tudo para depois desenhar pouco: ser simples, claro e, de preferência, eficaz.

Sim, porque para desenhar é necessário absorver o mundo, o espaço, as sensações, não só visuais, mas totais: tudo que entra no nosso corpo pelos diferentes sentidos: as formas, as cores, os sons, os diversos ruídos (o ruído do mar!), os odores, os sabores, as dores, o calor na pele.

Sim, porque a ideia é descobrir, encontrar, revelar uma cidade olhando e registando esse olhar através dos instrumentos e materiais simples do Desenho.

Sim, porque o Desenho é, tal como a escrita, um meio “democrático” de usar (basta um papel e um lápis) e de partilhar o que se vê, o que se regista, o que se pensa, o que se sente: de comunicar aos outros o que vemos, como vemos e como reagimos ao que vemos.

Sim, porque a cidade nos é estranha enquanto não a entramos, porque a vamos encontrando, caminhando e olhando... porque não a percebemos enquanto não a desenhamos: no início a cidade é nos exterior, não a entendemos, não é nossa.

Mas sim, porque à medida que a vamos percorrendo e a vamos desenhando, é como se

tivéssemos a construir um puzzle novo e as peças vão-se encaixando. Desenho a cidade, primeiro aleatoriamente, um enquadramento daqui, um pormenor dali, uma praça mais acolá, uma ou um conjunto de figuras... depois, mentalmente os pequenos enquadramentos vão articulando e constituindo a coerência de um espaço: este vai-se organizando e os desenhos passam a ser fragmentos de um mapa em construção, na expectativa de encerrar o puzzle.

Sim, porque a cidade é mais do que a soma das suas partes: os seus vários jardins, as suas praças, a cidade de costas voltadas para o mar, os sobrados, o mercado no seu sítio e todos os outros mercados fora desse sítio, as pessoas, o trânsito, as crianças que jogam futebol, as tartarugas na praia, a fabulosa Casa da Memória, o centro e as periferias, o porto de pesca, as piscinas naturais das Salinas, os diferentes verdes das Hortas, o sol, a intensidade das sombras, o calor, os ruídos do calor, a vibração das cores da cidade sob o sol pleno, e sim, o aroma da goiabeira.

Sim, porque quando desenhamos a cidade, ela passa também a ser nossa. S. Filipe é já minha! Porque sim!

Porto, março de 2022  
Mário Bismarck



No Mercado

6.9.2021











## DESENHAR, VER E SENTIR

Fui para São Filipe com o propósito de desenhar e fotografar. Esta união, com um plano definido, forçou-me a uma consciencialização dos sentidos. Fui como qualquer outra pessoa que deambula pela cidade sem rumo ou programa, mas com um foco que me fazia estar alerta. Todos os sentidos estavam apurados. Para se conhecer as terras e as pessoas, é preciso mais do que o olhar, é preciso cheirar, sentir com o corpo e no corpo, ouvir e escutar tanto os ruídos como os silêncios. Carreguei comigo essa consciência e a dualidade da função de quem regista e conhece pelo e com o desenho e quem o faz também a partir da lente.

Desenhar é acima de tudo selecionar. Quem desenha escolhe e representa o que quer. Retira do real aquilo que pretende apresentar. Pode ser uma parte da paisagem, um pormenor, um aglomerado de pessoas, apenas um olhar. Quem desenha, pode escolher o que apresentar, que parte retirar do todo. E pode transformar, acrescentar porque desenhar é isso mesmo, é codificar numa outra linguagem o que os nossos olhos veem e o nosso cérebro sente. O desenho abre um trilho conduzido pela mão que marca sulcos no cérebro e na memória.

Sílvia Simões



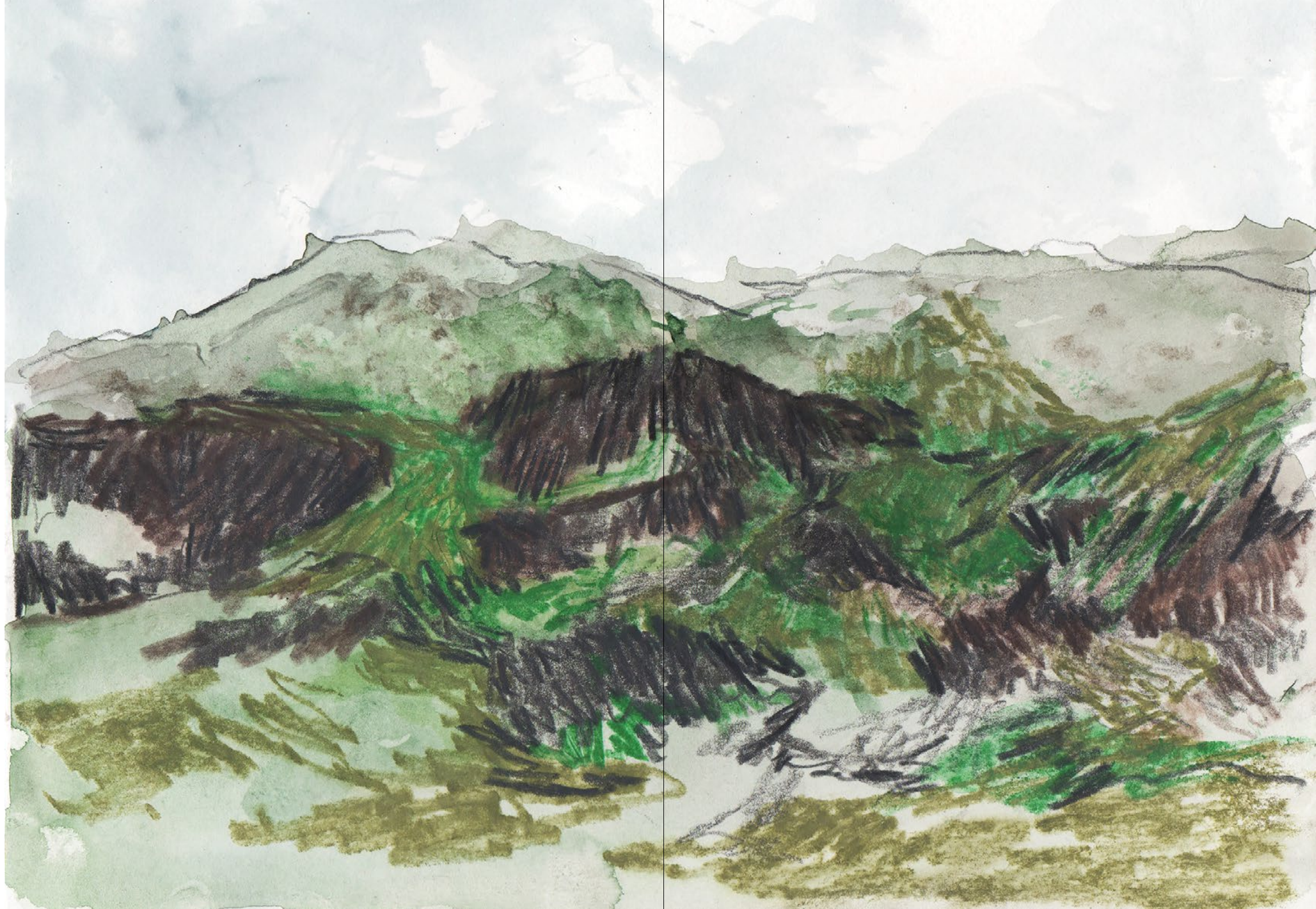
Por sua vez, a fotografia é enquadramento. É a tentativa de apresentar o real segundo critérios éticos e estéticos. A imagem fixada em pixéis é uma parte do todo. O registo fotográfico proporciona uma recolha e armazenamento de cores, ambientes, formas e sombras que nos fazem viajar no tempo, que nos devolve o passado dos lugares e das pessoas; é uma extensão da nossa memória.

Em ambas as situações trata-se de escolher e selecionar o que queremos dar a ver e como o queremos fazer. Se outros dispositivos houvesse que me permitissem mostrar os cheiros, o calor, o carinho, a amizade e generosidade das pessoas de São Filipe teria recorrido com toda a certeza a estes, pois dos registos que fiz sinto que estão aquém da dimensão humana das gentes e da riqueza desta terra.

Sílvia Simões









As Fontes

8.9







João Abel Mota

Sílvia Simões

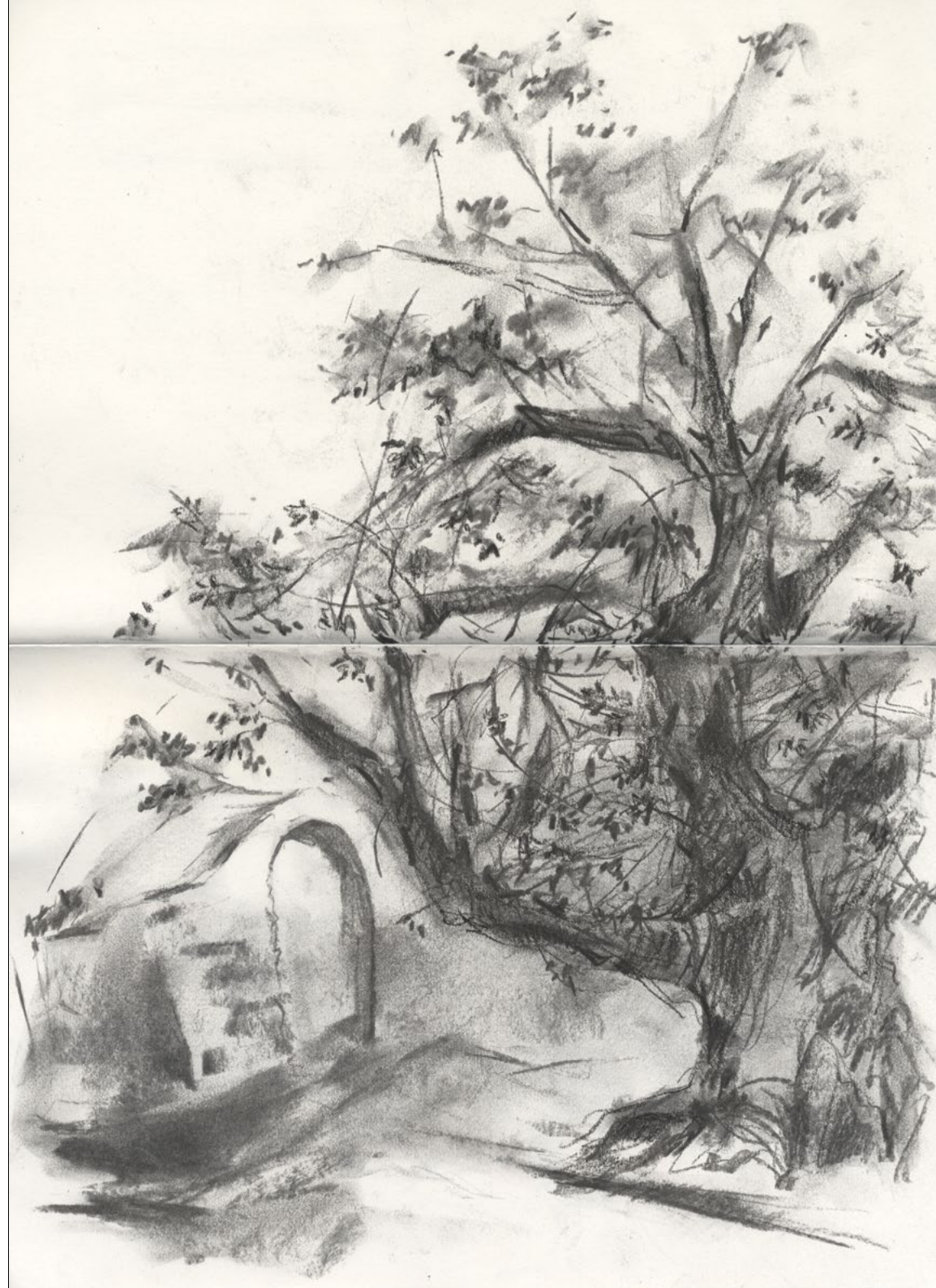




Sílvia Simões



Inês Vales





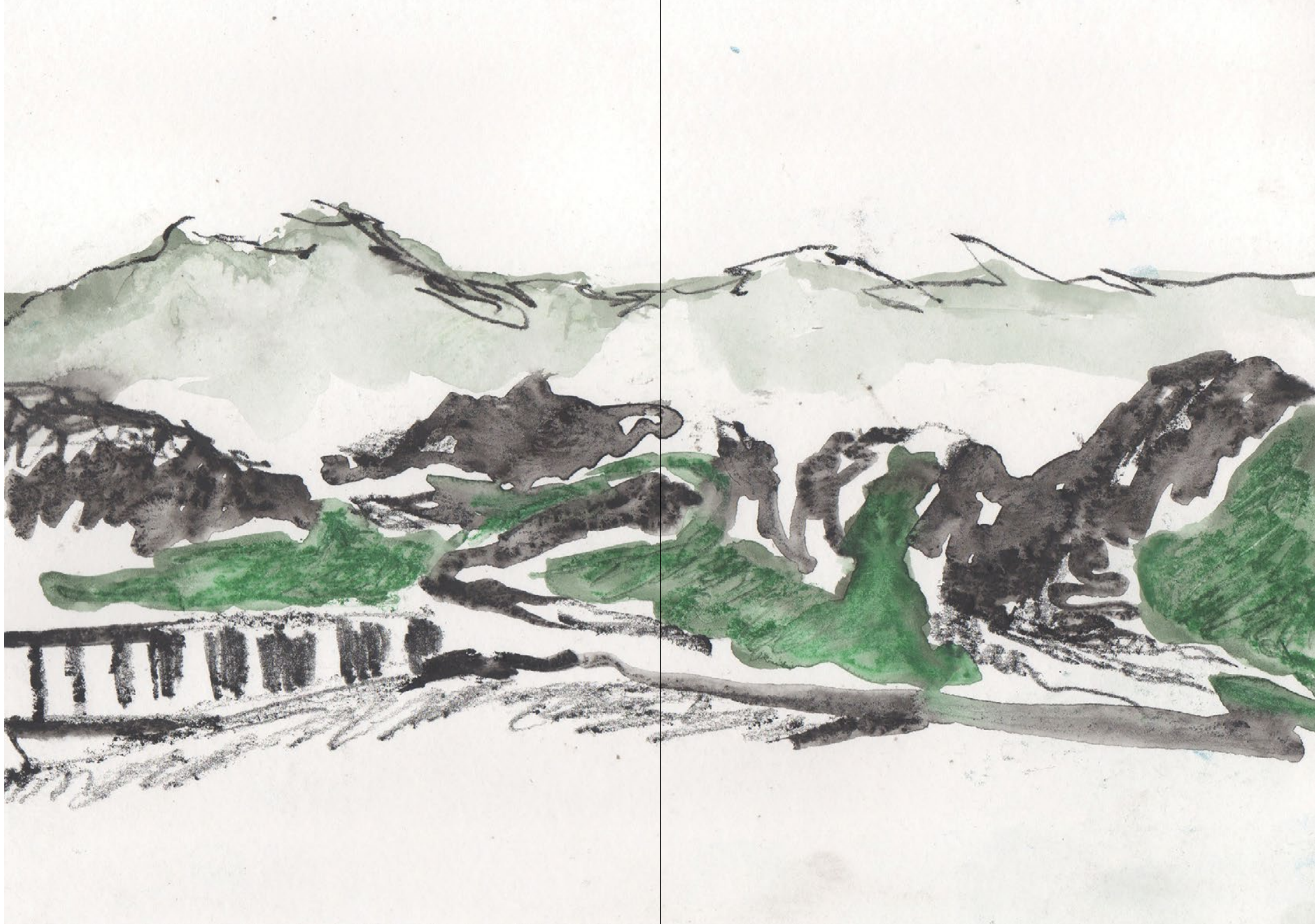
Leão Lopes



João Abel Mota









Sílvia Simões



Inês Vales



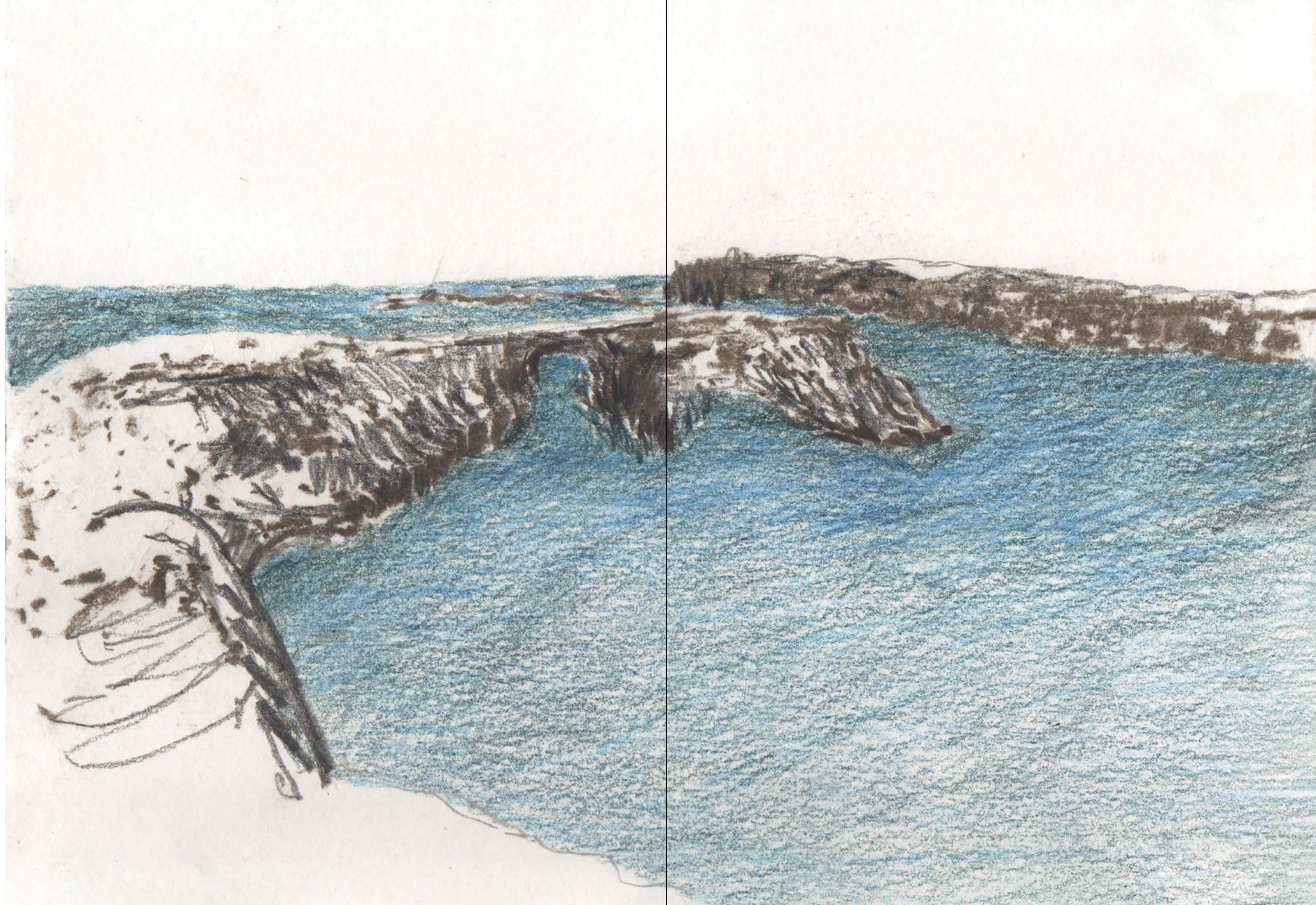




















Sílvia Simões

## O DESASSOSSEGO DO MAR

José Carlos de Paiva  
i2ADS/FBAUP

*Ninguém pode estragar a  
coisa linda que temos,  
se existe alguém que o pode fazer  
esse alguém é nos mesmos.*  
Amílcar Cabral

*A minha Pátria é uma montanha  
Olímpica, tamanha!*  
(...)  
Pedro Cardoso

De tempos afastados se regista a proximidade consentida pelo Atelier Mar, que deslocou para as Ilhas de Cabo Verde, levas de professores e estudantes das Belas Artes do Porto, num movimento intercultural de partilha de aprendizagens, constituintes do que hoje é o “IDENTIDADES\_Collectivo de Acção/Investigação — ID\_cai” do i2ADS/FBAUP.

Tempos de partilha que estabeleceu fortes laços, protocolos entre instituições e de complicitades pessoais, que envolveram a formação da MINDELO\_Escola Internacional de ARTE (M\_EIA) e transportaram Cabo Verde para o interior do ID\_cai.

Recentemente na Ilha do Fogo, vivenciando a resiliência da comunidade de Chã das Caldeiras em retomar as suas vidas depois da erupção vulcânica de 2014, ao lado de Leão Lopes e sendo M\_EIA, estudantes e professores, percorreram a ilha e as ruas da cidade de S. Filipe, registando em desenho e entendendo a riqueza patrimonial de uma história cultural preservada e da vida pujante da sua actualidade.

Nestes caminho foi anteriormente publicado pelo i2ADS, em conjunto com o ‘ponto&vírgula’, o livro ‘Desenhar Chã’ (2019), registando o caminho que a investigação em artes propicia de se entender o que se vê, e o que se pode ver através de um desenhar que se adentra das pulsões que os territórios comportam, escutando os silêncios e a imensidão da capacidade de resiliência humana face aos desafios que se lhe apresentam.



O drama do Mar,  
o desassossego do Mar,  
sempre  
sempre  
dentro de nós!  
(...)  
Jorge Barbosa

De novo no Fogo (2021), repete-se o exercício de partilha, através do desenho e da fotografia, procurando ler, escutar e respirar a brisa atlântica que brinda a quente cidade de S. Filipe. Desta deslocação resultam imagens e textos, que revelam e escondem a dimensão do vivenciado, mas transportam para o íntimo de quem lá esteve, marcas que se projectam nas suas vidas e, naturalmente, na sua obra e na sua investigação. Esta nova edição apresenta-a na sua dimensão complexa.

DESENHAR SÃO FILIPE

Leão Lopes

Desenhar São Filipe foi o que nos propusemos. Para registar olhares de fora para dentro, por vezes de dentro, de uma cidade que encanta; para sentir sua atmosfera cultural e social no quotidiano, seus silêncios pela tarde ruminando tempos que já lá vão, vivendo intensamente os que estão e projectando cheio de esperança os que virão. E neste ruminar de tempos idos através de testemunhos tão presentes estivemos nós desenhando e fotografando a cidade conforme a vimos, conforme a sentimos num breve, todavia, demorado olhar de quem esteve para a viver.

Olhar que convida outros ao mesmo exercício, de ver e observar a ilha que emerge do mais fundo do Atlântico para a partir da praia negra galgar a cidade, sempre a subir, e aqui fazer uma pausa antes de continuar subindo até o pico do Pico. Foi o que fizemos. Em São Filipe fizemos a pausa. Para — com riscos, escrita e câmara na mão — indagar a cidade que resiste e se afirma com a mesma altivez do passado mesmo sob a impiedosa canícula que resvala da Borda para cair por vezes, sem clemência, sobre seus sobrados com história.

A história da cidade — que ainda é Bila — conta-a as pedras da calçada centenária de basalto denso, conta-a o seu traçado urbano, conta-a cada esquina de suas ruas descendo a caminho da praia negra ou subindo em direcção ao Pico. Também pelos gestos, pela fala, pela estranheza de particularidades que a distingue. E que em cada manhã se mescla no mercado e no bulício de seu centro histórico para, pela modorra da tarde, desaparecer como que por magia: gente, vendedeiras ambulantes, as enormes filas de espera à porta das agências bancárias, o vai vem de taxis amarelos e hiacs multicores. Justa trégua que a cidade pede para se recompor para a manhã seguinte.

Deambular pela cidade é descobrir tanto encoberto que o pó do tempo e o esquecimento não apagam de vez. E se desenhar é revelar, é trazer à memória o que nunca se apaga, aqui em São Filipe, mesmo em dias de Setembro, ouvem-se os cânticos de Maio em procissão; os tambores rufando freneticamente pela Bila Riba; o som dos cascos de garbosos cavalos sobre a calçada escaldante; a ironia dos cantares de Ana Procópio. Nas gentes e nos gestos, nas marcas e nos



marcos da cidade os personagens de Teixeira de Sousa estão ainda tão presentes; no chão e no mar que se estende para lá da linha do horizonte onde São Filipe e Fogo continua noutro continente.

Fomos convocados a desenhar São Filipe e respondemos desta maneira. Abrindo portas de desenhar para que muitos outros continuem desenhando uma cidade que não se esgota aqui.



